

PENSANDO OS PROCESSAMENTOS LINGUÍSTICO E COGNITIVO DA LEITURA

Chris Royes SCHARDOSIM¹

RESUMO: Apresentação da pesquisa de mestrado sobre o processo de compreensão de leitura em alunos de 5ª série do Ensino Fundamental. Abordagem sobre as dificuldades de compreensão da leitura encontradas nos alunos na escola. Discussão dos aspectos teóricos do processo de leitura com embasamento na linguística aplicada, linguística textual e psicolinguística. Elaboração e aplicação de teste diagnóstico baseado no PISA para verificar o desempenho em compreensão, retomada de referentes, interpretação e inferenciação.

Palavras-chave: Compreensão de leitura; Escola; Diagnóstico

RESUMEN: Presentación de la investigación de maestría acerca del proceso de comprensión de lectura en alumnos de 5º grado de la Enseñanza Básica. Abordaje acerca de las dificultades de comprensión de lectura encontradas en los alumnos en la escuela. Discusión de los aspectos teóricos del proceso de lectura con base en la linguística aplicada, linguística textual y psicolinguística. Elaboración y aplicación de teste diagnóstico basado en el PISA para verificar el desempeño en comprensión, retomada de referentes e inferenciación.

Palabras-clave: Comprensión de lectura; Escuela; Diagnóstico

1. INTRODUÇÃO

O ato de ler pode ser visto sob vários aspectos: o olhar do professor sobre o aluno, o olhar do pesquisador sobre o professor, o olhar do pesquisador sobre o aluno. Cada um desses olhares irá refletir uma imagem dependendo da perspectiva teórica em que o observador se encontra.

Como professora de língua portuguesa e língua espanhola e pesquisadora de Linguística, mais especificamente Psicolinguística, a leitura pode ser vista a partir das estratégias que o professor vai utilizar para mediar o processo de compreensão de seus alunos ou a partir de como os alunos realizam o processo de ler, compreender e atribuir significado.

Neste texto, surgido a partir da exposição do projeto no XV Seta na Unicamp em dezembro de 2009, será apresentada a pesquisa que está sendo desenvolvida em 2010 no Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestrado. O objetivo da proposta é estudar as dificuldades de compreensão leitora em alunos de 5ª série do Ensino Fundamental de uma escola da

¹ Mestranda em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CAPES. Agradeço a orientação da Prof.^a Dr.^a Emeritus Leonor Scliar-Cabral. E-mail: chrisletras@gmail.com

rede pública de Florianópolis.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

Percebe-se escola um problema, apontado por professores e alunos, sobre a leitura: Não entendi o que está escrito? Não sei como contar isso; Não sei o que quer dizer; Os alunos não sabem fazer interpretação de texto. Esses questionamentos, que são constantemente feitos, denotam que os alunos não conseguem compreender o texto que lêem, nem elaborar a escrita de um texto coeso e coerente.

Esses dados não partem apenas do senso comum, de uma visão empírica da realidade. Pesquisas recentes (PISA, 2000 e 2003; PRADO, 2009; Pnad, 2008) apontam que apenas 57% dos alunos que completam o ensino médio conseguem atingir o nível pleno de alfabetização e que o Brasil tem uma das piores médias nos resultados de testes de leitura. O Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) já realizou cinco edições da pesquisa que revela os níveis de alfabetismo funcional da população brasileira adulta e a situação não melhorou: “somente 26% dos brasileiros que têm entre 15 e 64 anos dominam plenamente a leitura e a escrita no Brasil” (INAF, 2007).

Esses testes de leitura indicam que há sérias dificuldades em resgatar informações explícitas no texto, incompreensão de dados simples trazidos pelo texto e capacidade reduzida de estabelecer relações entre as ideias apontadas no texto lido e as inferências às quais o leitor pode chegar.

Uma das preocupações é com a precariedade com que esses sujeitos exercerão seu papel na sociedade. Os dados representam milhares de analfabetos funcionais que possuem habilidades mínimas para lidar com a escrita. Há diferentes níveis de analfabetismo funcional, indo do mais rudimentar ao alfabetismo pleno. Conforme dados do *site* do INAF, são considerados quatro níveis de alfabetismo funcional:

Analfabeto - Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços etc.);

Rudimentar - Corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares (como um anúncio ou pequena carta), ler e escrever números usuais e realizar operações simples, como manusear dinheiro para o pagamento de pequenas quantias ou fazer medidas de comprimento usando a fita métrica;

Básico - As pessoas classificadas neste nível podem ser consideradas funcionalmente alfabetizadas, pois já lêem e compreendem textos de média extensão, localizam informações mesmo que seja necessário realizar

pequenas inferências, lêem números na casa dos milhões, resolvem problemas envolvendo uma sequência simples de operações e têm noção de proporcionalidade. Mostram, no entanto, limitações quando as operações requeridas envolvem maior número de elementos, etapas ou relações; e

Pleno - Classificadas neste nível estão as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: lêem textos mais longos, analisando e relacionando suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses. Quanto à matemática, resolvem problemas que exigem maior planejamento e controle, envolvendo percentuais, proporções e cálculo de área, além de interpretar tabelas de dupla entrada, mapas e gráficos.

Se temos na sociedade 74% de adultos com habilidades de leitura entre analfabeto e básico, temos cidadãos que têm dificuldades em entender uma proposta política, por exemplo, ou um manual de um produto. São sujeitos muito propensos a manipulações e ludibriações.

Por isso este estudo será feito com crianças de 10 a 12 anos no 6º ano do Ensino Fundamental, quando já passaram por cinco anos de escolarização, provavelmente já foram alfabetizados e há grandes possibilidades de interferir para reverter o quadro que se apresenta nos dados com adultos.

Vê-se na escola que muitos alunos (inclusive nos anos finais do ensino fundamental) não apresentam destreza nas habilidades de leitura. Não há boa compreensão do texto, não se consegue fazer relações textuais e intertextuais nem inferências. Isso se dá por uma série de fatores: dificuldades cognitivas ou biológicas dos alunos, falta de condições (em casa e na escola) de aprendizagem, despreparo e falta de conhecimento do professor de como mediar o processo de letramento.

Essas dificuldades são apresentadas e, aparentemente, o que se faz nas aulas de português é sempre o mesmo. O que faz com que os alunos não consigam interpretar questões nem formular um texto coerente? Como os professores percebem os textos dos alunos? Como os professores ensinam esses alunos a ler e a escrever? Como pensam que deve ser essa prática? Os professores participam de eventos de letramento?

Para entender essas questões, serão estudadas teorias sobre aspectos linguísticos e cognitivos envolvidos no processamento da leitura a partir de teorias de Linguística Textual, Linguística Aplicada e Cognição.

Dada a complexidade das questões, no Mestrado nos deteremos a diagnosticar e assinalar as dificuldades de leitura encontradas em alunos de duas turmas de 5ª série do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual na cidade de Florianópolis.

Nos limitaremos a testar as seguintes habilidades: localização de informações, compreensão, interpretação e estabelecimento de inferências. Um dos objetivos é que, a partir dos resultados do diagnóstico, se pense em uma intervenção nas estratégias de ensino-aprendizagem a ser desenvolvida no Doutorado, com a finalidade de elaborar um roteiro de atividades de leitura para melhorar o desempenho dos alunos nas habilidades acima citadas.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Constata-se, pelo contato diário com os alunos em sala de aula e pelas pesquisas divulgadas nos últimos anos, que os alunos têm dificuldades em compreender o que lêem e de estabelecer relações intratextuais e intertextuais para fazer inferências.

A literatura concorda com que há problemas no ensino de língua portuguesa, que os alunos têm dificuldades para ler, compreender e inferir e que o objeto de ensino de língua é o texto. A palavra não pode mais ser trabalhada isoladamente. Ela precisa significar e para isso um contexto.

Os autores/professores tecem esboços sobre o trabalho com leitura e escrita, reconhecendo que ficou um vazio sobre o que fazer agora. Há considerações sobre as estratégias do professor nas aulas de leitura; há reflexão sobre os tipos de texto, as perguntas que são direcionadas aos alunos; discussão sobre aspectos formais e discursivos (cf. MOURA, 2000), mas não se explicita, efetivamente, como pode ocorrer essa prática.

Essas preocupações com a proficiência dos alunos não parte apenas do senso comum. Como já foram apresentados antes, os índices de desempenho em leitura são insatisfatórios e insuficientes para que o sujeito exerça sua cidadania.

Trata-se a leitura como se fosse uma tarefa simples, onde bastaria o domínio do código para ter-se proficiência na leitura, aqui entendida como a capacidade de ler sem auxílio de um mediador, compreendendo o texto, estabelecendo relações, recuperando as referências (CHAROLLES, 1978) e fazendo inferências. Essas diversas habilidades e capacidades cognitivas que o processo de ler envolve devem ser desenvolvidas e orientadas por um mediador – o professor – de maneira a tornar o aluno um leitor independente.

Para isso as aulas de leitura devem ser assentadas em teoria sobre leitura, para elaborar estratégias que auxiliem os alunos a compreender, atribuir sentidos e inferir. Deve-se pensar nas perguntas que devem ser feitas para mediar o processo de construção de sentido, as informações que o aluno deve localizar para entender o texto, as relações que deve estabelecer para apropriar-se dele.

Dentre as habilidades envolvidas na leitura estão a decodificação, os processos ascendentes, descendentes e em paralelo, a retomada de referentes, os articuladores textuais e a inferenciação. Serão analisadas cada uma dessas capacidades, tendo em vista os aspectos linguísticos e cognitivos envolvidos no processo.

A leitura envolve um processo criativo, onde o leitor torna-se autor ao construir o sentido. Para tal, ele tem que passar por vários passos, da pré-leitura à leitura, atribuindo a significação básica a cada palavra reconhecida no texto, articulando os sentidos das palavras nas frases nominais e verbais, nas cláusulas e parágrafos. A coerência ocorre na pré-leitura, quando o leitor acessa e ativa o esquema cognitivo conforme o gênero textual, e decorre da construção de sentido na leitura. De acordo com Cerutti-Rizzatti (2008, p. 16), “Ler não é uma atividade passiva; ao contrário, o leitor se empenha para construir a coerência do texto, coerência entendida como eixo de sentido desse mesmo texto.”

É imprescindível que a escola torne esse aluno um leitor proficiente, capaz de ler sozinho, garantindo “a todos o acesso à escrita e aos discursos que se organizam a partir dela” (BRITTO, 1997, p. 176). Para isso são necessárias situações de uso da leitura, vivenciar seu uso, mediar a vida pelo texto.

Alguns estudos mostram que a leitura ocorre devido à exposição e interação que o aluno tem com textos, aos eventos de letramento dos quais ele participa, ou seja, à dimensão cultural que os textos têm, ao valor e significado do texto na vida dos educandos. Consta-se que grande parte das famílias brasileiras não participa da vida escolar das crianças e não faz uso do texto escrito no cotidiano. Cabe à escola criar essas situações de interação entre sujeito e texto e mediar a construção de sentidos. É significando o uso do texto e atribuindo valor aos portadores de texto que a escola propiciará o processo de leitura e escrita aos alunos.

Vygotsky pesquisou sobre como se estabelece o conhecimento, como se dá a aprendizagem. Considerando que a leitura é uma dos campos do conhecimento, concordamos com o autor quando estabelece que “aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento

mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer.” (VYGOTSKY, 1984, p. 101). Ou seja, é preciso que haja situações de aprendizado e esquematização dos temas a serem tratados, neste caso, a leitura.

É necessário entender como esses processos funcionam e como o cérebro vai aos poucos criando conexões entre os saberes e construindo o conhecimento. Um aprendizado não é estanque, ele é um constructo de vários processos, onde se estabelecem relações, sendo necessário um ambiente propício que possibilite o avanço, por exemplo, de retroalimentações múltiplas, até que se dê o processo. Como esquematiza Terzi (1997, p. 15):

(...) a leitura não se dá linearmente, de maneira cumulativa, em que a soma do significado das palavras constituiria o significado do texto. Ao contrário, cada palavra funciona como um índice de experiências e conhecimentos previamente adquiridos pelo leitor, que nela se inscrevem: ao lê-la, o leitor ativa uma determinada rede de conhecimentos da memória. Esses conhecimentos ativados vão, por sua vez, influenciar a atribuição de significado às demais palavras do texto, num processo contínuo de re-significação.

Sobre a performance dos alunos, constata-se uma grande dificuldade em compreender o que lêem, estabelecer relações, recuperar os referentes textuais e fazer inferências. Essas dificuldades são cognitivas e linguísticas. De acordo com Valer (2009, p.3)

(...) a linguagem representa um sistema que medeia todos os eventos discursivos, configurando uma representação social do mundo através desse sistema, por essa razão, deve-se aprofundar a importância de como estão sendo desenvolvidas as práticas sociais de letramento: leitura e escrita na escola.

Acreditamos que a tarefa primordial da escola é ensinar a ler e escrever. E que isso é um compromisso de todas as áreas, não somente da disciplina de língua portuguesa. Já há mudanças nesse sentido. Pensando na formação do professor, a UNESCO está implantando, em parceria com as Universidades, um programa de apoio pedagógico ao professor universitário em estágio probatório para trabalhar a compreensão e a interpretação dos textos das diversas disciplinas.

Consideramos, como dito anteriormente, que o processo de compreensão de leitura deve ser mediado pelo professor ao longo da vida escolar do aluno. Aqui a análise volta-se mais especificamente a leitores no início da vida escolar. Porém, por

observações de diversos níveis de escolaridade, percebemos que, muitas vezes, um leitor proficiente também precisa de mediação para determinados textos, mesmo já nos bancos escolares da pós-graduação. Por isso acreditamos que a mediação, principalmente no início da vida escolar, é fundamental. Já que, além de auxiliar o aluno a compreender o texto, isso o ajudará a construir estratégias de leitura que aos poucos vão formando um leitor mais independente.

Tratando da questão da leitura da palavra, concordamos com Scliar-Cabral (2003a, p. 20) ao afirmar que “(...) ninguém pode aprender a escrever sem primeiro ter aprendido a ler; quando se lê, não se está escrevendo, mas quando se está escrevendo é obrigatória a leitura”. Antes de prosseguir, trazemos as palavras de Paulo Freire (2007 [1996]), que, a nosso ver, complementam e vão ao encontro das ideias expostas anteriormente.

Como alfabetizar sem conhecimentos precisos sobre a aquisição da linguagem, sobre linguagem e ideologia, sobre técnicas e métodos do ensino da leitura e da escrita? (...) Como educador preciso de ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem (...) e isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura de mundo” que precede sempre a “leitura da palavra”. (p. 81)
A tarefa fundamental dos Danilson² entre quem me situo é experimentar com intensidade a dialética entre a “leitura de mundo” e a “leitura da palavra”. (p. 84)

Utilizamos as palavras de Freire para embasar nossa concepção de ensino-aprendizagem. O que ele propõe é um professor com conhecimento teórico e olhar sobre a realidade de seus alunos. Unido a isso, o conceito de letramento corrobora com essa visão, pois, como afirma Soares (2006 [1998], p. 18) “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.”. Essa noção de apropriação da escrita nos é cara e, a nosso ver, só se dá pela leitura da palavra.

Em um trabalho de pesquisa qualitativa realizado por Dias e Melo (2002), as autoras analisam a fala de alunos e professores acerca da leitura e da escrita e fazem uma discussão teórica significativa. Sobre a aprendizagem, afirmam que

² Danilson era um educador popular que, nas palavras de Freire, “revelava a coerência com que vive sua opção democrática e popular.” (p. 74). Ou seja, não se acomodava com a triste realidade percebida, mas transformava sua insatisfação com a miséria em amor pela educação e em atitudes para interferir nessa condição desumana, não aceitando o real como determinado.

(...) a criança constrói seus conhecimentos numa relação dialética com o mundo em que vive. Assim não é apenas a escola que contribui nesse aprendizado, mas é uma somatória de atividades que a criança vivencia permitindo apropriar-se do conhecimento. Portanto, a escola assume papel destacado no processo educativo através da elaboração do conhecimento sistematizado que favorece o desenvolvimento do aluno diante da sociedade. É a partir do domínio da leitura e escrita que o homem constrói a sua sobrevivência. (p. 24)

Ao longo de 2009 e 2010 ocorre a revisão de literatura, o levantamento do quadro teórico que servirá de base para a elaboração das estratégias e análises. Até o presente momento, as teorias analisadas foram Van Dijk (1978), Street (1984), Charolles (1987), Soares (1992), Kleiman (1995), Leffa (1996), Terzi (1997), Britto (1997). Esses diferentes autores tratam, resumidamente, de macro e microestrutura, progressão referencial, referenciação e retomada de referentes, esquemas cognitivos de leitura, condições do ensino no Brasil, proficiência de leitura, letramento e inferenciação; temas essenciais à pesquisa.

4. METODOLOGIA

Para verificar os aspectos discutidos acima e confirmar ou refutar a teoria, elaboramos testes de leitura com base no modelo aplicado pelo PISA (2003). Os testes visam verificar as capacidades de recuperar referentes, compreender, interpretar e fazer inferências. São dez textos selecionados a partir dos gêneros apropriados para a escolaridade: conto, crônica, panfleto, história em quadrinhos, reportagem, fábula, problema matemático, dados geográficos, poema musicado e artigo para revista. Serão quatro alternativas de resposta, de múltipla escolha, organizadas em quatro categorias: verdadeira, falsa, incoerente e chute.

O projeto foi submetido e aprovado no Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina para autorização da participação dos sujeitos na pesquisa. Também foi apresentado à Escola de Educação Básica Hilda Teodoro Vieira para autorização da participação dos alunos e professores durante o ano letivo de 2010. A professora de Língua Portuguesa da escola, Marlise Keller, e a Diretora da Unidade Escolar, Viviane Poeta Vieira, consentiram com a realização da pesquisa. Em fevereiro de 2010 foi solicitado o consentimento dos Responsáveis Legais e dos Alunos.

Em março e abril de 2010 serão aplicados o questionário Psicossociolinguístico de Scliar-Cabral e os testes de compreensão de leitura nas 3 (três) turmas de 5^a série da

EEB Hilda Teodoro Vieira. Será analisado o desempenho nos testes de compreensão de leitura, desempenho na disciplina de Língua Portuguesa, média de pontos na avaliação escolar, faixa etária, distribuição quanto ao sexo, mesma professora, nível de escolaridade dos pais.

Os resultados serão tabulados, analisados e submetidos à análise estatística. Conforme o desempenho, os alunos serão agrupados em três categorias para discussão dos resultados. Será feito um relatório qualitativo e quantitativo.

Como exposto anteriormente, o projeto está na etapa de levantamento do quadro teórico e elaboração dos testes. Para a dissertação espera-se apresentar a teoria analisada, descrever e analisar os dados coletados e trazer um panorama da situação de processamento da leitura nos alunos da série trabalhada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os conhecimentos nos âmbitos da linguagem e os dados coletados, tentaremos apontar algumas direções que possam orientar o professor a mediar e auxiliar o aluno em seu processo de compreensão leitora.

Nesse contexto, cabe então ao professor ser o mediador dos processos de compreensão, interpretação e inferenciação, com base nas teorias e estudos desenvolvidos.

O estudo buscará avaliar como está a capacidade de leitura desses alunos, identificando as principais dificuldades, que tipos são mais ocorrentes e que tipo de estratégias podem ser utilizadas. Pensamos que os resultados poderão ser melhores do que os divulgados pelo PISA, já que um investimento em educação básica leva anos para se refletir na população adulta. Por isso queremos olhar para essa faixa etária de 10 a 12 anos a fim de poder interferir e alterar positivamente o quadro da situação da leitura na educação brasileira.

A dissertação final constará dos dados dos testes, das discussões a partir dos resultados, dos relatórios qualitativos e do aporte teórico que norteia os estudos, buscando estabelecer orientações para o ensino de leitura.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Língua Portuguesa. Secretaria da Educação Fundamental, Brasília, 1997.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos**. Campinas: Mercado das Letras, 1997.

CERUTTI-RIZZATTI, Mary E. Implicações metodológicas do processo de formação do leitor e do produtor de textos na escola. **Revista Scielo**, 47, 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982008000100004. Acesso em 27 de maio de 2009.

CHAROLLES, Michael. Introdução aos problemas da coerência dos textos: abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas. *In.*: GALVES, C. (org.) **O texto: leitura e escrita**. Campinas: Pontes, 1987.

DIAS, Meriam de Jesus Ferreira; MELO, Maria de Nazaré Daniel. **Dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita dos alunos nas séries iniciais do Ensino Fundamental**. Belém: UNAMA, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. [1997] (Coleção Leitura)

INAF. **Indicador de Analfabetismo Funcional**. Disponível em http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.00.00.00&ver=por. Acesso em 9 de março de 2010.

MOURA, Denilda (org.) **Língua e ensino: dimensões heterogêneas**. Maceió: EDUFAL, 2000.

PISA 2000. **Relatório Nacional**. Disponível em <http://www.inep.gov.br/download/internacional/pisa/PISA2000.pdf>. Acesso em 2 de junho de 2009.

PNAD 2008. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1455&id_pagina=1. Acesso em 22 de outubro de 2009.

PRADO, Jason. Que tipo de futuro teremos? **Revista Escolhas**. Disponível em http://www.leiabrasil.org.br/index.aspx?leia=revistas/escolhas_editorial. Acesso em 29 de maio de 2009.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Princípios do sistema alfabético do português do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003a. v. 01.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. [1998]

TERZI, Sylvia B. **A construção da leitura: uma experiência com crianças de meios iletrados**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.

VALER, Salete. **Práticas de leitura e produção textual na escola no ensino e aprendizagem da linguagem: aspectos sociocognitivos e discursivo-textuais**. Florianópolis, 2009. Não publicado.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
